



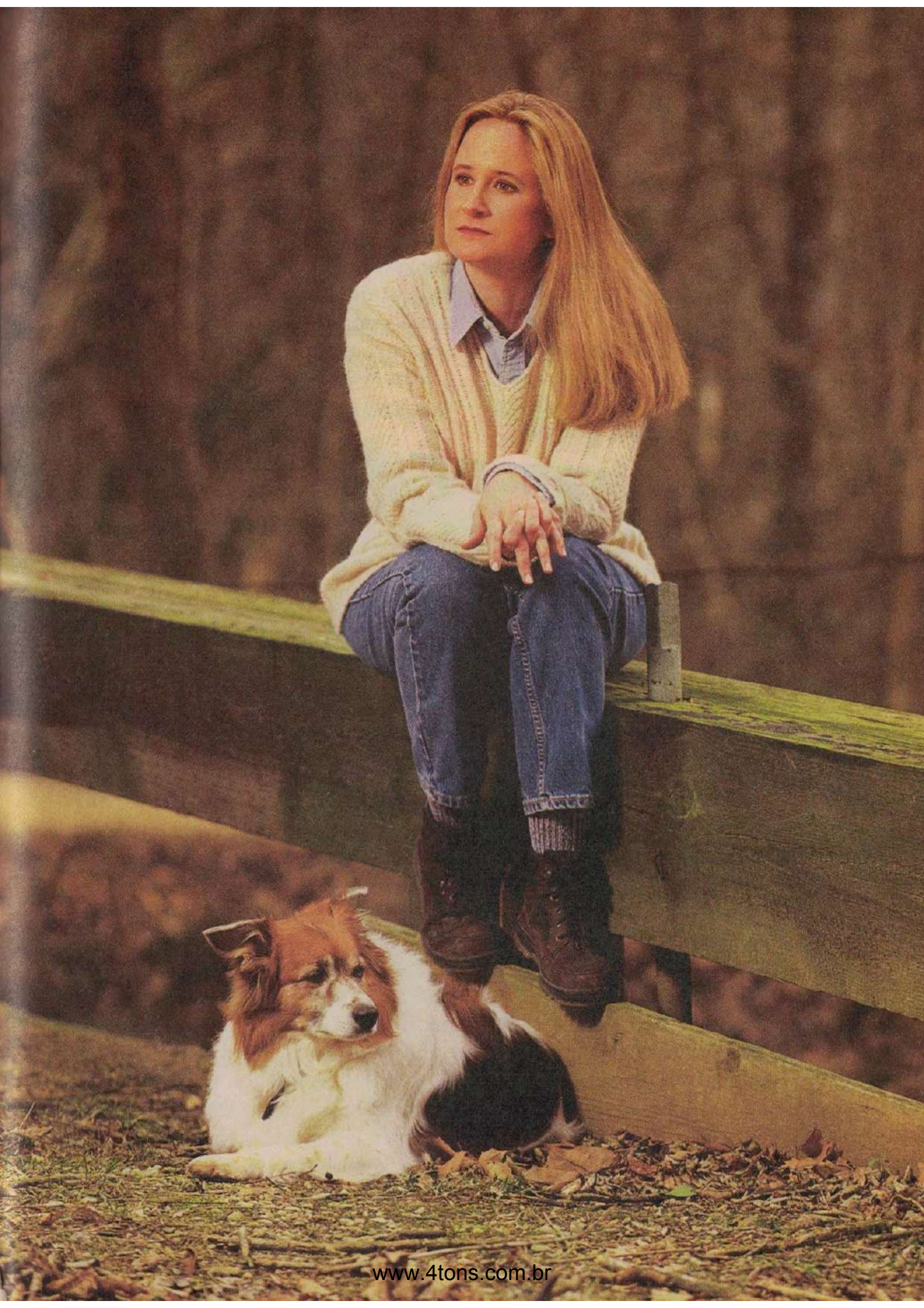
LIVRO DO MÊS

JULHO 1999

Um amor interminável

“**S**E ALGUÉM me dissesse que eu iria enfrentar o que enfrentei quando meu marido adoeceu de repente, eu teria respondido que não conseguiria sobreviver. Mas sobrevivi. Ao longo do caminho, aprendi a força das verdades simples: que a vida não tem garantias, que cada momento é importante e que o amor resiste a tudo.”

POR MARY CATHERINE FISH



Uma história de amor

CONHEÇO CASAIS que assim que se encontram percebem que nasceram um para o outro, namoram, felizes, por mais

ou menos um ano e então se casam. A minha história com Tom foi diferente. Nós nos conhecemos em 1987, quando Tom me entrevistou para um posto de engenheira ambiental. Lembro-me dele de pé, uma perna apoiada na cadeira, os braços cruzados sobre o joelho dobrado, olhando-me fixamente com um brilho nos olhos. Ele usava uma camisa xadrez colorida que contrastava com um fundo de livros sobre controle de sedimentos. Consegui o emprego.

Anos mais tarde Tom confidenciou a um amigo: "Eu estava tentando entrevistá-la, mas só conseguia pensar que a mulher mais bonita que já vira estava ali sentada na minha sala."

Não demorou para começarmos a

namorar. Foi um período intenso. Após vários meses, Tom rompeu comigo. Passadas algumas semanas ele voltou, declarando-se pronto para assumir um compromisso. Nunca mais pensamos seriamente em nos separar.

Em 1990, além de excelentes amigos, estávamos loucamente apaixonados um pelo outro, o que combinava muito bem. Quatro anos depois, em 29 de maio de 1994, Tom e eu nos casamos, decididos a enfrentar juntos a vida.

Fomos morar nos arredores de Washington, com nosso cachorro *Owsley*, um encantador *collie* mestiço que Tom resgatou do abrigo público de animais. Tom cuidava da casa e do quintal – era ex-

celente jardineiro – e cozinhava a maior parte das vezes. Também tomava conta de mim.

Durante aquele primeiro ano, tudo parecia estar dando certo. Tom plantou rosas e outras flores, eu fiz as cortinas e, juntos, pintamos, decoramos e mobiliamos a casa.



Na época, ambos trabalhávamos como engenheiros ambientais: Tom era vice-presidente de uma grande empresa que tinha contratos com o governo e no exterior. Eu trabalhava numa firma de menor porte e cursava o mestrado à noite. Tom e eu sonhávamos morar em algum lugar exótico, com montanhas e ar fresco, como a Bolívia, o Nepal ou a Suíça.

Despreocupada e satisfeita, eu esperava que nossos desafios viessem sob a forma de filhos e mudanças de vida. O destino, porém, nos trouxe algo diferente.

Tudo começou na manhã seguinte ao Dia dos Namorados de 1995. Eu estava muito ocupada no trabalho, ligando para os clientes. O telefone tocou e atendi rápido:

Começa a Jornada—
Uma cerimônia de casamento perfeita dá início ao ano mais arrasador de suas vidas.

— Alô, aqui é Mary Catherine. Era Tom.

— Algo esquisito acaba de me acontecer — disse ele, a voz tensa. — Fui à *delicatessen* almoçar. Enquanto esperava o sanduíche, tentei tirar um refrigerante da geladeira, mas não consegui levar a mão à porta. Eu podia mexer o braço, mas não parecia o *meu* braço.

Tentei tranquilizá-lo, dizendo que ele devia estar com o vírus de uma gripe que andava atacando



muita gente. Na manhã seguinte, porém, ele foi ao consultório de seu médico, Dr. David Patterson, que lhe pediu para realizar tarefas como contar de cinco em cinco e soletrar algumas palavras de trás para a frente. Solicitou exames de sangue e uma ressonância magnética para a semana seguinte.

Tom ficou preocupado o fim de semana inteiro, mas eu estava muito concentrada em meu trabalho para lhe dar atenção. Além disso, tinha certeza de que qualquer que fosse o seu problema passaria em alguns dias.

Em retrospecto, percebo agora que Tom andava mais silencioso do que o habitual. Além disso, durante os anos em que convivemos, Tom estudava baixo diariamente – ele tocava num conjunto –, mas nos últimos dois meses tinha parado. Eu deveria ter percebido que algo estava errado.

Moedas letais

NO DIA DA ressonância magnética, liguei para Tom quando ele voltou ao escritório. Meu marido me disse que, enquanto se submetia ao exame, parecia que a cabeça estava dentro de uma máquina de lavar roupa, mas que, exceto isso, não tinha sido muito ruim.

Naquela noite, eu estava na cozinha preparando o jantar quando ele chegou. Nós nos abraçamos como sempre, mas aquele abraço foi dife-

rente. Tom se afastou, olhou para mim e disse:

– O médico me telefonou hoje à tarde. O exame indicou uma anormalidade. Eles querem fazer outro amanhã.

– Anormalidade? Que tipo de anormalidade? – perguntei.

– Ele só disse que tem o formato de haltere.

Murmurei que poderia tratar-se de vários problemas. Terminei de cozinhar mecanicamente, entorpecida.

Na manhã seguinte, após a segunda ressonância, o médico disse que poderia ser uma infecção. *É, pensei, isso faz sentido.* Tom viajara recentemente ao Panamá e à Eslováquia, lugares onde poderia ter contraído uma infecção.

No dia seguinte fomos a Washington para uma consulta que o Dr. Patterson tinha marcado com um especialista, o Dr. Edward Mancini.* Não pensamos em perguntar qual era sua especialidade, mas, ao atravessar o corredor que levava ao consultório, vi uma porta de madeira com letras douradas que o identificavam como neurocirurgião.

Quando entramos, uma recepcionista nos levou à sala de exames. Sentei-me perto da porta com uma caneta e um bloco de anotações, desejando que o tempo voltasse atrás ou pelo menos se detivesse. *Vamos parar tudo exatamente aqui.*

Momentos depois, o Dr. Mancini entrou, apressado, e nos cumprimentou. Magro e em boa forma, tinha cabelos ralos e um rosto mar-

*O nome foi modificado.

cante e bonito, com olhos castanhos penetrantes.

O médico tirou de um grande envelope pardo seis chapas de filme e as fixou num aparelho de luz na parede. Em cada uma delas havia seis imagens, mostrando cortes transversais da cabeça de Tom.

A maioria parecia idêntica, mas uma era bem diferente. Perto da parte posterior do cérebro havia dois círculos de brilho intenso, um grande e um pequeno. *Uma moeda de cinco e outra de dez centavos*, pensei. *Duas moedas reluzentes no cérebro de Tom*.

O Dr. Mancini comentou que, apesar de parecer haver duas lesões, era provável que se tratasse apenas de uma, a ligação não sendo visível no exame. Ele qualificou a lesão como “enorme”.

Eu ia anotando no meu bloco enquanto ele falava: lóbulo parietal esquerdo, perto da área motora. Tom engolia em seco repetidamente, olhando fixo das imagens para o médico. Fiquei sentada, pensando: *Isso não está acontecendo*.

Perguntei se poderia ser uma infecção. O Dr. Mancini respondeu que era pouco provável. Ele achava que se tratava de metástase de câncer de outro local do corpo ou um glioma. Explicou que os gliomas são uma família de tumores cerebrais graduados de I a IV, conforme crescem lenta (I) ou rapidamente (IV).

– Quase todos os gliomas permanecem no cérebro – esclareceu ele. – Isso é bom, pois não precisamos

combatê-los em nenhum outro lugar do corpo.

Isso deveria ser um consolo? Senti que estava entrando em pânico, mas me controlei. Precisava me concentrar. *Se é para termos um glioma*, pensei, *que pelo menos seja um número I ou, no máximo, um número II*.

O médico virou-se para Tom e disse:

– Você precisa ser operado. Programei a cirurgia para o início da semana que vem. Não há como sabermos o próximo passo sem ter amostras de tecido.

Em seguida, o médico descreveu o plano para a operação: ele rasparia o cabelo de Tom, faria uma abertura em seu crânio e retiraria o máximo possível da lesão.

Sáímos cambaleantes do consultório, ansiando por ar, luz e a vida que tivemos até então. Descemos até a garagem escura e empoeirada e nos sentamos no Subaru branco de Tom. Apoiei a cabeça no volante e soluzei.

Tom começou a repetir “Desculpe, desculpe”.

Anote na agenda

NAQUELE SÁBADO passamos a maior parte do dia ao telefone. Ao ligar para a família e os amigos, eu falava de maneira objetiva e anormalmente calma, tal qual uma locutora de rádio dando instruções durante uma emergência: “Parece que Tom está com um tumor no cérebro. Ele vai ser operado

na terça-feira.” Tom telefonou para os dois irmãos mais velhos, Ann e John, e para os pais. Depois ligou para os melhores amigos: Rich Baker, Wayne Logan e Sam Selesnick.

Estava sério quase o tempo todo, menos com Wayne, que é meio sábio, meio bobo. Ao saber da cirurgia de Tom na terça-feira, Wayne fez uma longa pausa e disse:

– Você vai anotar na agenda, não vai?

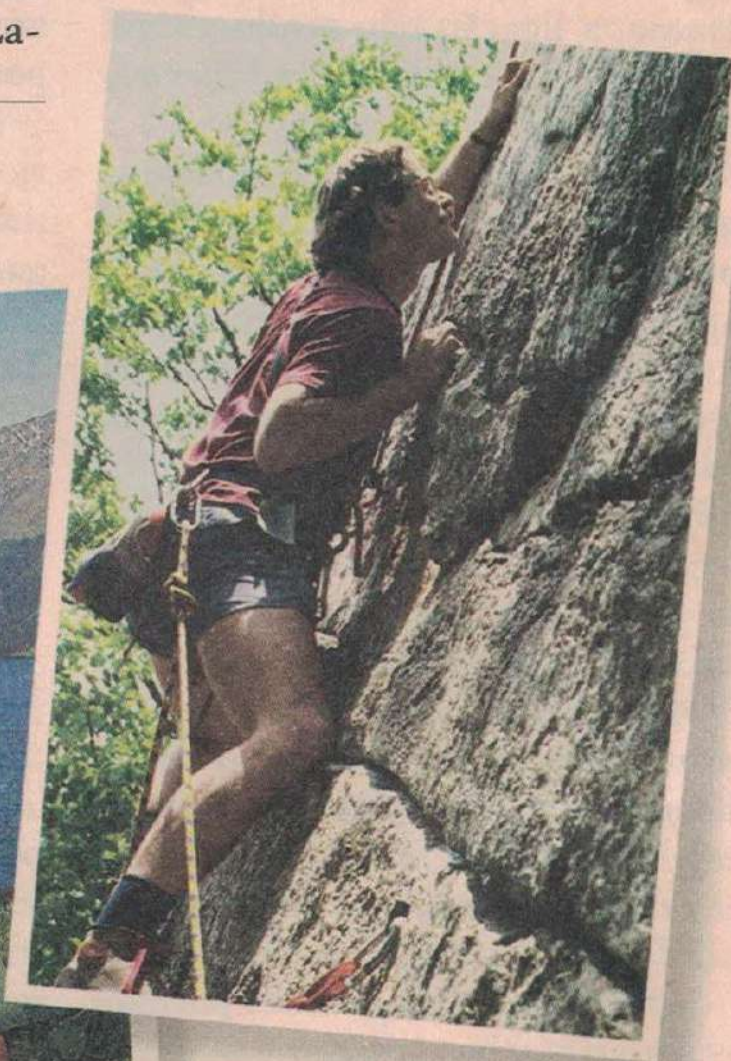
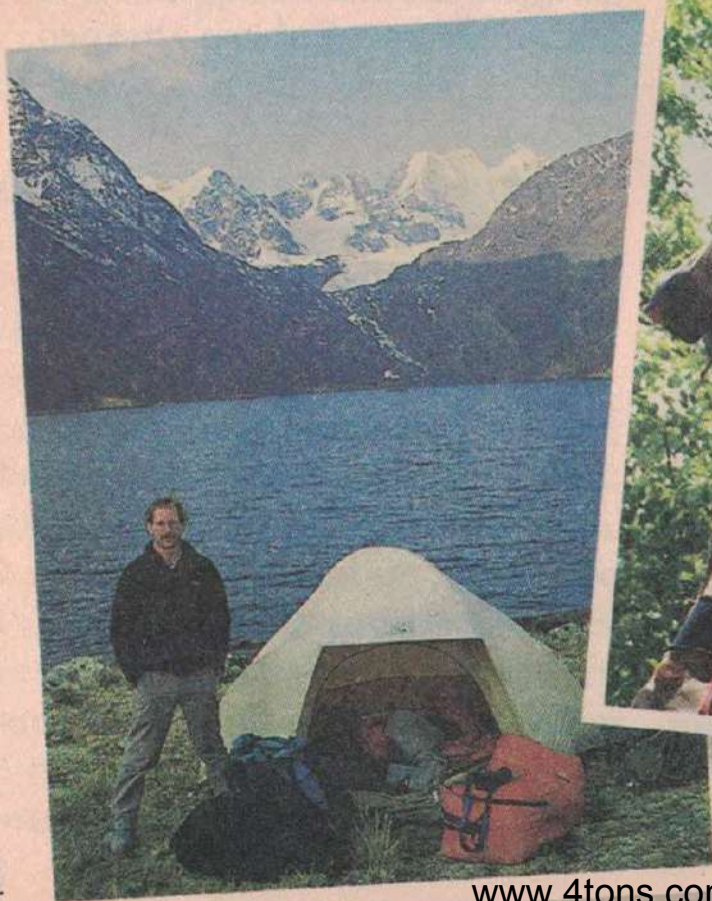
Tom riu muito e rabiscou no calendário “C.C.” (cirurgia cerebral), no dia 28 de fevereiro.

Naquele fim de semana antes da operação, mantivemos uma estranha vigília. Ocupei todo o meu tempo, tentando me preparar. La-

vei roupa, certificando-me de que meu conjunto favorito e mais confortável estivesse limpo, como se isso fosse o truque para enfrentar o dia da cirurgia.

No domingo à noite, quando Tom e eu estávamos deitados, *Owsley* pulou para a cama e ficou entre nós. Antes de conhecer *Owsley* eu não ligava para cachorros, mas ele era um animal tão charmoso e comunicativo, que me fez mudar de opinião. Depois que os dois adormeceram, fui silenciosamente ao escritório, liguei o computador e acessei pela rede um arquivo chamado “O que é um tumor cerebral em adultos?”, contendo

Espírito Livre— Tom adorava atividades que o pusessem em contato com a natureza.



registros das taxas de sobrevivência para os quatro graus do tumor. As estatísticas eram fúnebres para os graus III e IV, porém muito mais esperançosas para os graus I e II. Decidi, portanto, concentrar-me nestes últimos.

Isso vai ser um grande susto em nossa vida, pensei, mas vamos superá-lo e seguir em frente.

Na manhã da cirurgia, Tom e eu nos beijamos ternamente e só saímos da cama quando já não podíamos retardar a ida para o hospital. Enquanto nos arrumávamos, procurei as palavras adequadas, como “Eu amo você”, “Vamos voltar logo para casa”, “Vai dar tudo certo”. Lembrei-me então de que Tom, experiente alpinista, tinha me explicado uma vez que é fundamental encontrar o parceiro certo para escalar montanhas, pois é preciso confiar a vida a esse parceiro. Virei-me para ele e brinquei:

– Você está prestes a escalar uma montanha, e eu sou a sua parceira.

No hospital, uma enfermeira pegou a papeleta de Tom e disse:

– Muito bem. Craniotomia. Tire toda a roupa e vista isto.

Entregou a Tom uma bata leve azul-clara, com fechos de pressão nas costas, e nos indicou um cubículo fechado por cortinas. A cirurgia estava marcada para meio-dia e meia. Tom despiu-se, tirou a aliança e me pediu que a guardasse até que ele pudesse usá-la de novo. Não gostei de vê-lo nu naquele lugar barulhento e cheio de gente,

ainda que houvesse cortinas. Sentado ali, na iminência de ser levado para a sala de cirurgia, Tom parecia profundamente vulnerável.

Logo um assistente de enfermagem abriu a cortina e o ajudou a subir numa das macas. Caminhei a seu lado até chegarmos ao subsolo, onde o anestesista o aguardava. Beije Tom e sussurrei:

– A gente se vê daqui a pouco. Não vou sair daqui. Amo você.

– Eu também amo você – disse Tom. – Não se esqueça de comer, está bem? – E desviou o olhar.

Escolhi uma cadeira vazia na sala de espera e me sentei. Quando Ann, a irmã de Tom, chegou, eu a abracei e chorei. Ann é tranqüila por natureza e amava Tom de modo quase maternal. Eu sabia que seria bom tê-la ao meu lado.

Logo depois Meg, minha irmã, chegou da Filadélfia. Arrumamos nossas cadeiras num triângulo compacto e esperamos.

Por volta das 18h30, vi o Dr. Mancini entrar.

– A cirurgia transcorreu bem – informou ele. – Extirpei por completo o tumor maior, mas não toquei no menor porque causaria danos a Tom. Vamos preparar um relatório patológico detalhado, mas aparentemente o tumor é grau IV.

(Continua na página 127)

Por um instante fiquei imobilizada. Mal conseguia respirar ou piscar os olhos.

Um amor interminável

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 35

Sonhos Perdidos— O futuro feliz que eles imaginaram não aconteceria.



atadura. Olhos, pele, cheiro e corpo estavam exatamente iguais aos que eu tinha visto horas antes. Ele abriu os olhos e exclamou:

— Oi, amor!

— Oi! — respondi. — Você está indo muito bem.

Olhei fixo para ele, que continuou a explicar:

— Com um grau IV, a maioria das pessoas não chega a viver dois anos. Entretanto, conheço algumas que viveram cinco, sete, e até nove anos.

Por um instante eu mal consegui respirar ou piscar os olhos. Depois, dirigi-me à enfermaria de neurologia, precisando urgentemente ver Tom. Eu o encontrei no CTI, com uma grande atadura branca enrolada na cabeça e a máscara transparente no nariz e na boca; sua respiração estava pesada. Pus a mão no seu ombro e o acariciei, sabendo que ele reconheceria meu toque. Fiquei surpresa ao constatar que ele não mudara nada, exceto pela máscara e a

Encostei a cabeça no peito dele que, ainda tonto pela anestesia, mergulhou novamente no sono. Alguns minutos depois, voltou a abrir os olhos e perguntou:

— Você falou com o Dr. Mancini?

— Falei, mas é importante que você descanse agora.

A voz dele tornou-se mais insistente:

— O que eu tenho?

Fui tomada pelo pânico, mas pensei: *Não posso mentir.*

— É grau I ou II?

— Não — respondi, firme e nitidamente.

— Então é um III ou IV?

— É.

Tom voltou a adormecer. Quando minha irmã me levou do hospital

naquela noite, o mundo estava frio e lúgubre. Aquele já não era o mundo que eu conhecia.

Quarta-feira de cinzas

TOM E EU tínhamos combinado só falar da operação depois que o Dr. Mancini fosse vê-lo no dia seguinte. O médico apareceu pouco depois do almoço e mais uma vez descreveu o tumor.

– E agora o que fazemos? – indagou Tom.

– Provavelmente radiação e quimioterapia – respondeu o Dr. Mancini.

Voltou a comentar que conhecia pessoas que haviam sobrevivido a tumores durante anos, e fez menção de ir embora.

Antes que ele saísse, Tom respirou fundo e disse:

– Queria que soubesse que já passei por inúmeros problemas na vida. Nenhum tão grave, mas superei todos. – A voz começou a falhar. – Amo minha mulher e amo minha vida.

– Muito bem – disse o médico. – Nesse caso, tem muito por que viver, e isso é importantíssimo. – Virou-se então e saiu.

Mais tarde, Tom me perguntou sobre as manchas escuras marcadas na testa de várias pessoas. Eu lhe expliquei que era quarta-feira de cinzas, o primeiro dia da quaresma.

Tom me disse que queria rezar. Não fazíamos isso com frequência. Sugeri que recitássemos em voz alta os votos matrimoniais que tínhamos escrito. Enquanto eu me esforçava

para recordá-los, Tom começou a falar, alta e firmemente:

– Eu, Tom, aceito você, Mary Catherine, tesouro de meu coração e minha companheira querida, para ser minha mulher, amante e amiga, para viajar pela vida comigo, até além do fim do caminho. Eu a amarei, consolarei e honrarei, na alegria e na tristeza, todos os meus dias.

Passei aquela noite numa cama de armar ao lado de Tom. Dormimos de mãos dadas.

Na manhã seguinte voltei para casa e telefonei para tia Marcella e tio Hank, irmão mais velho de mãe. Tom e eu apreciávamos os fins de semana que passávamos com eles em Delaware, na casa que tinham perto da praia. Os dois sempre gostaram muito de nós.

Marcella, com muitos anos de experiência em enfermagem, conhecia o glioblastoma – um tumor grau IV. Estava muito familiarizada com tumores, pois havia tido um câncer de mama 20 anos antes.

Eu lhe disse que queria rezar, mas não sabia como.

– A melhor prece é a que está no seu coração – sugeriu ela. – Ofereça o que está dentro dele. Não importa se você está desesperada ou zangada. O Senhor vai ouvir você. Ele sempre ouve. Você já está rezando.

Suas palavras me deram um grande alívio. Eu já estava rezando. Isso fazia sentido.

De volta ao hospital, levei Tom para dar uma volta.

– Estou me sentindo bem agora –

ele me disse. – Não tenho medo da morte; só temo o que possa haver antes dela.

– Você quer dizer que tem medo de adoecer, sentir dor ou ficar deficiente?

– Isso mesmo. É disso que tenho medo.

– Eu também – admiti. – Mas, se acontecer, vamos saber enfrentar.

Depois de um instante em silêncio, contei a Tom o que Marcella me tinha ensinado e perguntei se ele queria rezar. Ele assentiu com a cabeça e nos demos as mãos. Fechei os olhos e disse:

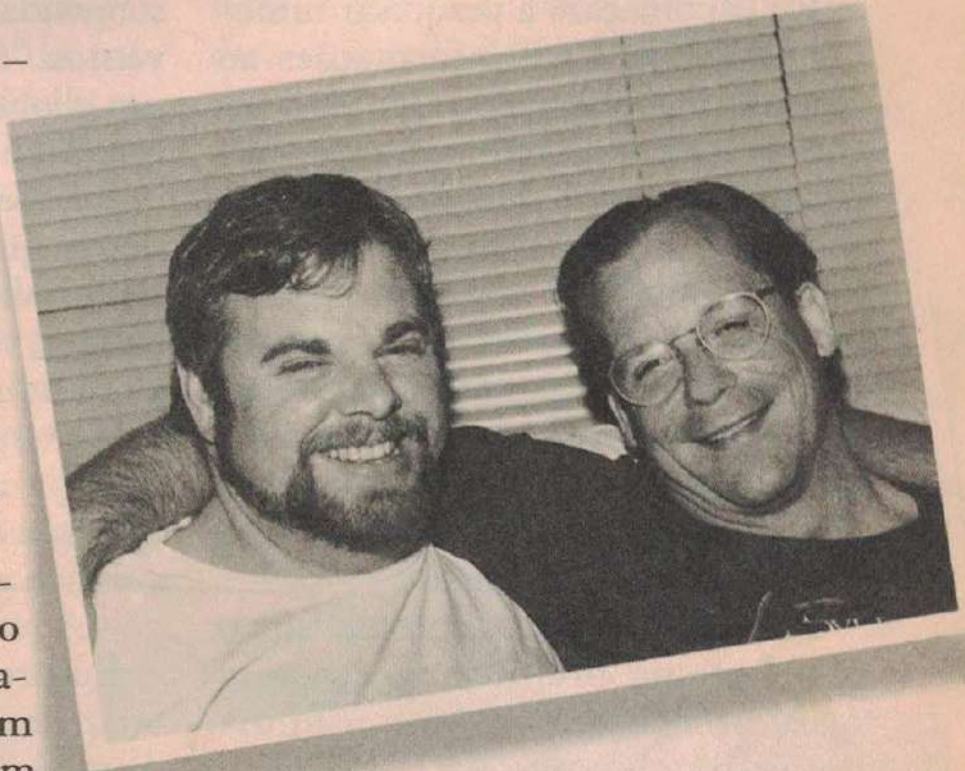
– Estou assustada. Ajude-me a manter o coração aberto. Mostre-nos o que fazer. O Senhor sabe que Tom e eu nos amamos. Faça com que fiquemos sempre unidos e nos ajude. Enfrentaremos o que for necessário, mas queremos continuar nossa vida juntos. Vamos encarar tudo de frente, mas por favor nos ajude. Amém.

A sala de guerra

– **A**TUALMENTE a taxa de sobrevivência é menor que 10%, mas em geral é maior do que 1% ou 2% – explicou Sam sobre o glioblastoma.

Amigo de Tom dos tempos de faculdade e cirurgião, Sam veio de Nova York na manhã em que che-

gamos do hospital. Ele lembrava um urso, com a barba cerrada e o sorriso tímido, e era uma pessoa que sabia apoiar e encorajar os outros. Argumentou que Tom tinha muitos fatores a seu favor, pois era jovem – 38 anos – e tinha boa saúde.



Aliado na Guerra– O amigo Rich Baker estava determinado a encontrar a cura.

Acrescentou, contudo, que “teria sido melhor se o cirurgião tivesse conseguido extirpar uma parte maior do tumor”.

Perguntou se conhecíamos outros médicos para obter opiniões diferentes. Eu lhe falei de um médico do Johns Hopkins, recomendado por um amigo. Sam me deu o nome de um especialista que trabalhava no Sloan-Kettering, hospital de oncologia em Nova York.

– Qualquer que seja a decisão

que tomarem, não percam tempo. É preciso agir rápido – alertou ele. – O tumor tem de ser tratado agressivamente.

Em seguida, Sam nos instruiu sobre os tipos de dados a serem enviados aos médicos.

Eu já começara a pesquisar tumores cerebrais. Pedi informações ao Instituto Americano do Câncer e encomendei a uma empresa especializada uma compilação de artigos recentes sobre o tipo de tumor de Tom. Após alguns dias, recebi uma pasta de oito centímetros de espessura, repleta de informações. Na capa, de aspecto profissional, uma etiqueta dizia: “Glioblastoma Multiforme Grau IV para Tom Gherlein”, como se o tumor fosse um presente.

Folheando a pasta, aprendi que o glioblastoma multiforme é o tipo mais comum de tumor que se forma no cérebro de adultos. Ele se infiltra rapidamente com tentáculos no tecido cerebral circunjacente. Certos tumores são capazes de duplicar de tamanho a cada sete ou oito dias.

O tratamento tradicional é cirurgia, radiação e quimioterapia. Somente com a cirurgia, a sobrevivência média é de 12 a 16 semanas; com radiação, chega a 40 semanas; e com quimioterapia, 50 semanas.

O que quer que acontecesse, resolvi que meu marido e eu não hesitaríamos, perguntando-nos: “E se...?” Estava decidida a fazer com que Tom tivesse todas as opções disponíveis. Eu respeitava os médicos que tratavam do meu marido, confiava neles, mas

também não podia esquecer que todos eram profissionais ocupados, com muitos pacientes. Tom e eu éramos os únicos que estaríamos trabalhando em expediente integral no caso. Juntos, analisamos os dados, cheios de esperança. Em vez de dizer: “A taxa de sobrevivência é de apenas 2%”, raciocinávamos: “Centenas de pessoas vão ter um glioblastoma este ano e sobreviverão. Tom será uma delas.”

Recebemos mais ajuda alguns dias depois que meu marido foi para casa. Rich Baker, um de seus mais antigos amigos, veio de São Francisco. Rich e eu decidimos que Tom usaria a própria energia a fim de recuperar-se da cirurgia no cérebro, e nós empregariamos a nossa para lutar por ele. Levei Rich ao nosso estúdio e lhe disse:

– Aqui vai ser a Sala de Guerra.

Eu precisava daquele espaço para criar uma sensação de organização. Também necessitava construir algo para me proteger da terrível anarquia que crescia repentinamente em nossas vidas.

Na sala já havia uma escrivaninha e um computador. Trouxemos uma estante vazia e um arquivo. Eu tinha material sobre tumores cerebrais suficiente para encher várias prateleiras, mas aquilo era só o início.

Começa a batalha

— **O** TRATAMENTO tradicional não funciona. Precisamos tentar um método experimental – disse Rich da cama onde estava recostado no quarto de hós-

pedes, com a pasta de informações no colo. – Seja lá o que fizermos, ele precisa começar o tratamento duas semanas depois da cirurgia, isto é, daqui a uma semana.

Concordei. Pegamos a longa lista de experiências clínicas que encontrei *on-line* e, com a ajuda de amigos que começaram a telefonar do país inteiro, finalmente reduzimos a relação a um tamanho mais possível de administrar: 30 ou 40 casos. A essa altura, liguei para os profissionais envolvidos, para saber detalhes.

Sentia pena na voz de muitos médicos e enfermeiras quando eu descrevia nossa situação. Uma delas comentou:

– A sua voz soa como a de alguém muito jovem.

– Tenho 31 anos
– respondi.

– Ah! – murmurou ela.

Tom estava interessadíssimo nos tratamentos alternativos. À medida que Rich e eu selecionávamos os dados médicos, passávamos as informações sobre as teorias alternativas para que ele as estudasse. Mas Rich precisou voltar para junto da família na Califórnia. Senti um

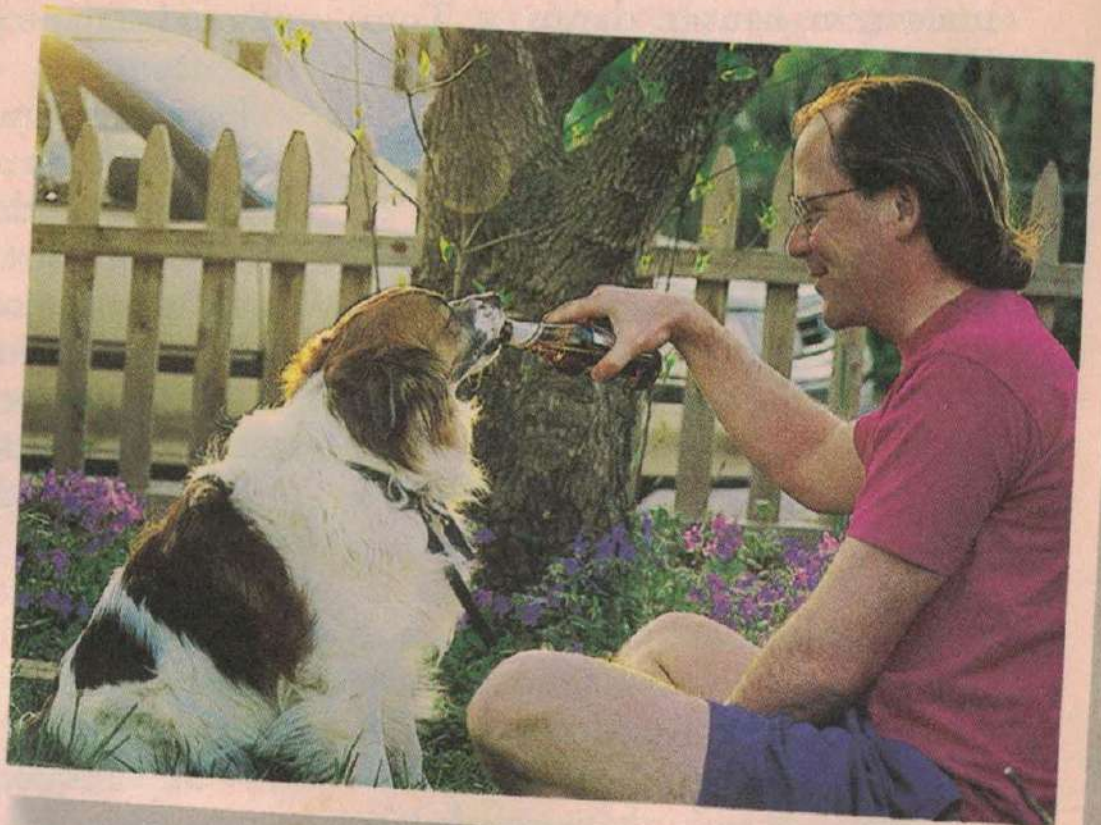
grande vazio na casa depois que ele se foi. E fiquei frustrada. Eu acreditava que, se procurasse muito, encontraria a resposta, mas, mesmo depois de todo o nosso trabalho, nada era especialmente promissor.

Até que, numa manhã de sexta-feira, o telefone tocou. Era um médico chamado Mark Malkin, ligando do Hospital Sloan-Kettering, para onde havíamos enviado o histórico de Tom. Gritei para Tom pegar a extensão.

O Dr. Malkin explicou que nas tardes de quarta-feira seus colegas e ele analisavam juntos alguns casos.

– Ao estudar o seu, chegamos à conclusão unânime de que precisa de outra cirurgia.

Fiquei aliviada com a notícia e me perguntei como podia estar me



Fiel Amigo– Tom divide uma cerveja sem álcool com o companheiro ‘Owsley’.

sentindo assim, quando tinham acabado de me dizer que meu marido precisava ser operado de novo. Perguntei ao médico:

– Se é possível extirpar mais, por que não fizeram isso logo na primeira operação?

– Cirurgiões diferentes têm opiniões diferentes. Nossos neurocirurgiões tratam diariamente de tumores cerebrais. Isso não acontece com a maioria dos outros.

O Dr. Malkin concluiu dizendo que eu deveria marcar uma consulta o mais depressa possível. Telefonamos então para Sam, o amigo de Tom que era cirurgião em Nova York. Ele nos disse que iria averiguar, e ligou dali a uma hora:

– Tenho boas notícias! Eles realmente acham que podem extirpar mais sem causar danos a Tom. Quero que ele se opere com o Dr. Arbit. Já trabalhamos juntos, e ele é sensacional.

Alguns telefonemas depois, eu havia marcado uma consulta para meu marido com o Dr. Ehud Arbit, na segunda-feira.

No dia seguinte, Tom, *Owsley* e eu fizemos um passeio pela trilha que margeia o Canal Chesapeake & Ohio. Era um luminoso dia no início da primavera. A terra estava escura e acre, galhos cinza exibiam os pontos verde-limão dos brotos novos e os raios de sol se filtravam pelas densas árvores.

Tom e eu caminhávamos balançando os braços. O canal comprido e silencioso se estendia à nossa di-

reita, e a água doce e escura do Rio Potomac reluzia à esquerda. *Owsley* corria sem coleira, e de vez em quando entrava em disparada no bosque, perseguindo um esquilo numa árvore.

Tom e eu respirávamos o ar puro e conversávamos sobre a ida a Nova York e a perspectiva de uma segunda operação.

– Acho que vai dar certo – disse ele. – Eu estava me sentindo péssimo antes daquele telefonema. E ainda tinha aquela lua cheia...

Na véspera tinha sido lua cheia, e eu dissera que algo sempre ocorre às pessoas nessas ocasiões: às vezes, acontecimentos bons; outras, não. Mas sempre estranhos.

Tom prosseguiu:

– Não sou de acreditar em... – Ele parou de falar e fechou os olhos para se concentrar.

Esperei que terminasse a frase.

Ele começou a cantar uma canção de Stevie Wonder:

– “Quando se acredita em coisas que não se entendem...”

Ele tentou de novo:

– “Quando se acredita em coisas que não se entendem... *Supretição*”.

Respirei fundo e disse, como se fosse um jogo:

– Você quase acertou.

Não podia deixar transparecer meu pânico. Ele tentou mais uma vez:

– “*Suprestição*...”

– Superstição – disse eu finalmente. – Você consegue dizer?

Ele respondeu devagar:

– *Supres. Tição. Suprestição.* Nossa!
– Tudo bem, vamos voltar.

Peguei a mão de Tom e voltamos para casa em silêncio. Eu estava tremendo. Quando chegamos à nossa rua, os passos de Tom eram vacilantes. Logo que entramos em casa, deitou-se no sofá e adormeceu.

O dia se tornou noite, e ele mal tinha se mexido no sofá. Preocupada, telefonei para um dos médicos e perguntei sobre a repentina dificuldade de Tom com as palavras. Ele me mandou levá-lo imediatamente para a Emergência.

No Hospital da Universidade de Georgetown, dei os detalhes da doença de Tom para um residente de neurocirurgia e disse que estávamos planejando ir a Nova York segunda-feira de manhã. O residente deu a Tom uma série de comandos: *levante essa perna; toque o nariz.* O lado esquerdo de Tom obedeceu, mas o direito, não.

– Sabe em que ano estamos?

– Hum... Nove mil. Três ou seis.

– Tudo bem, Tom, quem é o presidente dos Estados Unidos?

Tom abriu a boca várias vezes, mas não saiu nenhum som. Ele então fechou os olhos e brincou, enquanto os lábios se abriam num sorriso:

– Hillary.

O doutor me olhou, como se pedisse licença para rir, e nós três demos uma risada. Eu pensei: *Este é o meu Tom. Só lhe faltam as palavras.*

– Certo, Tom. O que é isto?

O médico levantou a mão esquer-

da e apontou para a aliança de ouro no dedo anular.

Tom se concentrou e disse:

– *Ança.*

Quando meu marido se submeteu a uma tomografia computadorizada, o médico ia apanhando cada chapa de filme, à medida que ficava pronta, e afixando-a no aparelho de luz.

– Está muito inchado ao redor do tumor, e isso está pressionando o cérebro – explicou.

Perguntei-lhe o que ele achava da nova cirurgia em Nova York.

– Sou totalmente a favor – respondeu. – Vamos medicá-lo para reduzir a inchação e fazer com que ele esteja na melhor forma possível para a viagem a Nova York segunda-feira.

Meu ânimo retornou e a guerreira em mim voltou à luta.

Segunda chance

NA MANHÃ SEGUINTE, um domingo, entrei no quarto de Tom no hospital e o encontrei devorando ovos e torradas. Levantei a mão esquerda e perguntei:

– O que é isto?

– Aliança – respondeu ele.

Viva!, pensei. Reparei então que ele estava fazendo a maior bagunça ao comer; não tinha pleno controle da mão direita.

Parecia muito cansado e hesitava ao pronunciar algumas palavras. Sua ficha descrevia essa condição como “afasia moderada”. (Afasia é

a perda da capacidade de uso da linguagem.)

Como Tom não podia viajar de avião, a irmã, o cunhado e os pais de Tom contrataram um motorista para nos levar a Nova York. Partimos cedo na manhã de segunda-feira, e cinco horas depois chegamos à Rua 67 Leste, em Manhattan.

Vimo-nos numa pequena sala de exames com o Dr. Arbit, homem de rosto solene mas olhos piedosos.

– Você tem um tumor muito gra-

*Na capela,
desabei num dos
bancos, fechei os
olhos e deixei vir
as imagens de
Tom, vívidas e
animadas.*

ve, mas com uma cirurgia agressiva, seguida de radiação e quimioterapia, poderá ser um dos poucos que vivem anos com esse problema. Entretanto, a cirurgia tem alguns riscos. O tumor está localizado perto da

região do cérebro que controla seu lado direito e a linguagem. Depois da operação talvez perca o controle dos movimentos do lado direito. Se quiser mesmo operar, podemos marcar a cirurgia para esta semana.

Tom simplesmente assentiu com a cabeça.

Mais tarde, depois de nos instalarmos no quarto do hotel, resolvemos que estava na hora de nos aventurar e sair para jantar. Um funcionário da recepção nos recomendou um movimentado restaurante italiano ali perto.

Depois que o garçom anotou o pedido, olhei para Tom. Ele tinha

metade da cabeça rapada, uma cicatriz em forma de U decorrente da craniotomia, e estava atrapalhado com o pão, porque passara a usar a mão esquerda.

– Tom, aconteceu algo engraçado conosco – comentei. – Algumas semanas atrás éramos o estereótipo do casal *yuppie*. Íamos aos restaurantes vestidos com roupas da moda, ríamos e bebíamos. Agora usamos roupas velhas e fazemos uma grande *bagunça*.

Meu marido sorriu e perguntou:

– Como você se sente diante da possibilidade de eu me tornar... – ele engoliu em seco – ...deficiente?

– Meu amor, você é a minha vida. Tudo que eu quero é que você continue aqui comigo. Posso enfrentar qualquer problema – disse eu com a mais absoluta sinceridade.

– Eu também – respondeu ele. – Essa decisão da cirurgia é de “fundir a cuca”, sem trocadilho.

Comemos enormes pratos de massa e conversamos sobre o que poderia ser nossa vida futura. Talvez tivéssemos um filho. Eu trabalharia e Tom tomaria conta da criança. Seria bom para nós dois. Naquela noite dormimos abraçados, em paz e sem medo.

Dois dias depois, na manhã da operação, saí no ar fresco de março e caminhei as duas quadras até o hospital. Dirigi-me ao saguão principal do Sloan-Kettering para esperar notícias da cirurgia, e reparei que havia uma capela adjacente.

A capela era minúscula, com cinco ou seis pequenas filas de bancos em frente a um altar de madeira sim-

ples. Desabei num dos bancos, fechei os olhos e deixei que as imagens de Tom surgissem, vívidas e animadas, diante dos olhos de minha mente. Eu o vejo brincando com os sobrinhos Ben e Chris. Eles estão rolando no chão e riem muito. Os meninos gritam, deliciados, e Tom ri alto.

Outra imagem: Tom escalando uma rocha, o corpo envolto num cinto de alpinismo. Ele se move graciosamente, como um gato. Enfia as mãos numa fenda da rocha e se ergue com facilidade.

Em seguida, nós dois estamos num rio, em caiaques. Estou descansando, e o barco flutua num redemoinho. O barco de Tom desliza em minha direção. Ele segura o remo com as duas mãos. Levanta o braço direito, finca o remo na água, e seu bote se aproxima do meu, num rodopio perfeito. Ele me beija o rosto ao passar, e depois volta a deslizar ao sabor da corrente.

E nosso casamento: estou descendo as escadas de uma mansão, num vestido longo de seda branca. Tom está de pé na base da escada, vestindo um *smoking* cinza-carvão. Eu me aninho em seus braços e nos beijamos. Ele me olha nos olhos e diz: "Você é linda. Amo você."

Finalmente, imagino Tom deitado completamente imóvel numa sala de cirurgia. O Dr. Arbit está realizando o melhor trabalho de sua vida, extirpando o tumor inteiro.

Então ouvi uma enfermeira chamar meu nome. Fui rapidamente até o balcão e ela me informou:

– Seu marido saiu da cirurgia.

Praticamente corri pelos corredores até a sala de recuperação. Lá estava Tom, deitado e muito abatido, com olheiras. Toquei-lhe o ombro e murmurei:

– Amor, estou aqui.

Tom abriu os olhos.

– Oi! Minha cabeça está doendo.

Meu coração deu um pulo. Tom falou! Uma enfermeira me entregou um telefone: era o Dr. Arbit.

– Tenho excelentes notícias – disse o médico. – A cirurgia foi um sucesso.

Perguntei quanto do tumor ele havia extirpado.

– Mais de 90%. Pelo menos 95%. Foi uma boa resseção. Ele está em ótima forma.

Convulsões

ANTES QUE NOS déssemos conta, já era abril. Nossas plantas floresciam, o ar estava quente o bastante para mantermos as janelas abertas e os raios suaves do sol aqueciam nossos dias. Tom estava eufórico. Continuava a não ter problemas com a linguagem nem com o lado direito do corpo. Contava a quem quisesse ouvir a história de sua cirurgia miraculosa; transbordava alegria e convicção de que agora estava bem.

Víamos sinais de esperança em tudo. As flores de Tom mostravam um espetáculo exuberante, incluindo um arbusto que antes nunca florira. Tom acreditava que isso era um bom presságio.



Presságio Musical— O primeiro sinal de que havia algo errado foi Tom parar de tocar seu adorado contrabaixo.

O tratamento de radiação havia começado no Centro Hospitalar de Washington e deveria continuar durante sete semanas, nos dias úteis.

Em meados de abril nossa rotina era outra: depois de nos levantar, fazíamos ioga, rezávamos e tomávamos o café da manhã. Então um dos amigos de Tom chegava para levá-lo à radioterapia e eu saía para trabalhar.

Em pouco tempo o cabelo de meu marido começou a cair em grandes quantidades. Em seguida, ele começou a ter dificuldade para se lembrar de fatos. No fim do mês, sentia-se nauseado e exausto.

No sábado, 29 de abril, fui à mi-

nha aula matinal de ioga. Quando voltei, ao meio-dia, Tom ainda dormia. Eu o acordei e perguntei:

— O que você quer comer?

Ele respondeu:

— Um *co da gu*.

— Água? — adivinhei. — Você quer água?

— É.

Ah, meu Deus! pensei. *A afasia voltou.* Ao cair da noite, ele mal havia comido ou se mexido o dia inteiro. Eu es-

tava arrasada.

Preparei uma vitamina de frutas, que ele tomou sofregamente. Instantes depois uma expressão as-

sustada surgiu em seu rosto.

— Ah, não!

Seu braço direito começou a tremer, sacudindo a mesa como um terremoto.

— Não! — ele gritou.

Seu corpo se contorcia na cadeira como se ele estivesse sendo sacudido. O lado direito do corpo começou a se mover desordenadamente. Tom gritava.

Na Emergência, uma tomografia mostrou que o cérebro estava inchando. Os médicos deram esteróides a Tom para reduzir o inchaço, outro medicamento para controlar as convulsões, e nos mandaram para casa.

Na primeira semana de maio, os amigos informaram que as idas à radioterapia estavam muito difíceis. Tom tinha problemas ao tentar pronunciar algumas palavras. Ele insistia em ir andando quando saía do carro, mas às vezes caía de repente. E começou a ter mais convulsões.

Telefonei para o Dr. Malkin no Sloan-Kettering. Ele me instruiu a enviar-lhe por correio expresso os últimos exames de Tom e a manter a calma. Ele me ligaria na segunda-feira.

Naquela noite dormi mal. Medo e pesar me dominavam. No meio da noite, virei-me para Tom e disse:

– Amor, preciso de um abraço.

Não obtendo resposta, puxei seu braço direito sobre mim, esperando a sensação familiar de ele me aconchegar em seus braços. Em vez disso, senti apenas um peso morto. Eu estava dolorosamente sozinha.

Um dia especial

NA SEGUNDA-FEIRA à tarde veio o telefonema do Sloan-Kettering.

– Analisei os exames – informou o Dr. Malkin. – Sem dúvida, houve uma alteração desde março, mas a situação do cérebro de Tom é muito dinâmica neste momento. – Em seguida ele me alertou: – Lembre-se de que só veremos os resultados máximos da radioterapia seis semanas após o fim do tratamento.

– O que Tom deve fazer?

– Continuar o tratamento – ele respondeu.

Quase no fim de maio, Tom melhorou, e fiquei mais esperançosa de que o tumor estivesse regredindo. Além disso, estávamos ansiosos com a chegada de uma data muito importante: nosso primeiro aniversário de casamento, na segunda-feira, 29 de maio. Um ano antes, havíamos guardado no *freezer* a parte de cima do nosso bolo, embrulhada em papel alumínio. Tínhamos ainda o vinho que sobrara da recepção, mas não o beberíamos como planejado – Tom não podia beber álcool por causa dos remédios que tomava. Aguardávamos a data como crianças à espera de uma festa especial de aniversário.

Dois amigos, Wayne e Meg, chegaram na sexta-feira para comemorar conosco e se hospedaram em nossa casa. Esperávamos um grande dia, porque Tom vinha melhorando de modo constante nas últimas duas semanas; ele teria o fim de semana inteiro para se recuperar dos tratamentos mais recentes. Além disso, não haveria sessão de radioterapia na segunda-feira, porque era feriado. Domingo foi um dia de preguiça: ficamos à toa em casa, descansando. No final da tarde, Wayne sugeriu que Meg e eu fôssemos ao supermercado. Quando eu disse que não precisávamos de nada, ele insistiu, alegando que tínhamos pouco suco e leite.

Quando voltamos, entrei na sala de jantar com dois sacos de mantimentos e vi a mesa coberta com uma toalha branca, e o que tínhamos de melhor em louça, cristais e talheres. Tom estava na cozinha, sorrindo,

orgulhoso, e abrindo caixas de isopor vindas de um excelente restaurante francês.

Ele veio até mim, beijou-me e disse:

– Surpresa! Como não podíamos ir ao L'Auberge, o L'Auberge veio até nós.

Eu estava perplexa.

– Como você fez isso? – perguntei.

Ele explicou que alguns amigos do trabalho tinham ajudado a providenciar tudo.

Wayne e Meg foram embora antes do jantar, alegando um compromisso. Quando saíram, fizeram votos de que nos divertíssemos.

E nos divertimos mesmo. Saboreamos um jantar delicioso à luz de ve-

PRÓXIMO MÊS

COM VOCÊS, TED TURNER

Conhecido pela “língua solta”, esse visionário transformou a indústria da televisão, criando a CNN, e conseguiu o que outros levariam vidas para realizar.

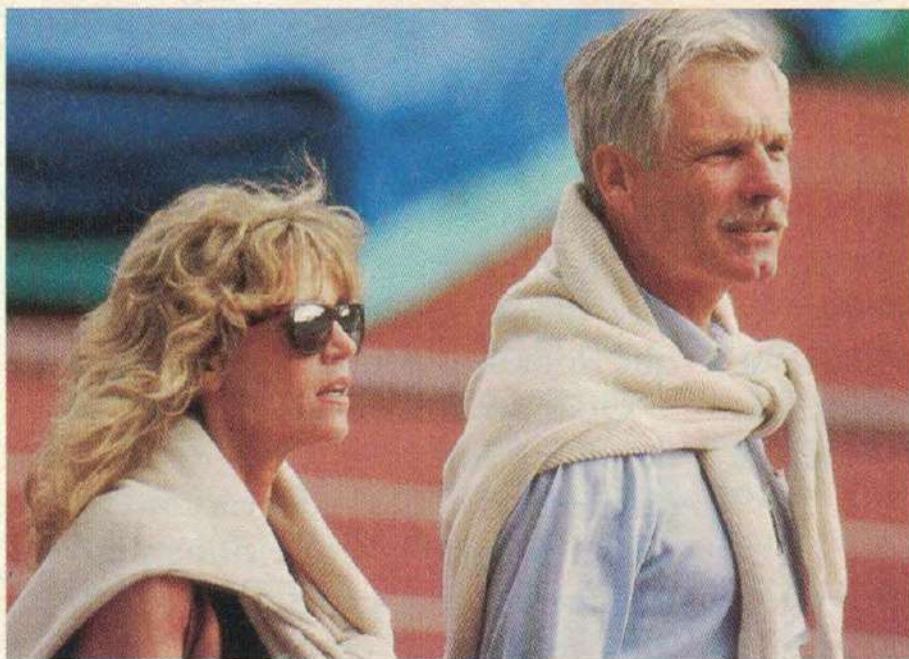


FOTO: © ALVIN CHUNG/SYGMA

MAIS

ATÉ O TOPO DO VULCÃO

Na metade da encosta, até meu guia anunciou que estava desistindo.

ENSINE SEU FILHO A SE CONTROLAR

Dominar a raiva é importante para o futuro da criança.

RESGATE VINDO DO CÉU

Só um helicóptero poderia chegar ao rebocador enalhado – assim mesmo por milagre.

POR QUE HOMENS E MULHERES AGEM DE FORMA TÃO DIFERENTE?

Após 20 anos de casamento, meu marido ainda não me compreende. É que muitas diferenças intrigantes entre os sexos podem estar em nossa cabeça.

UM PAPEL QUE ADORO DESEMPENHAR

Escorregas, balanços e carrosséis são muito mais divertidos quando se é avô.

las e relembramos nosso casamento, a lua-de-mel e as viagens que fizemos juntos. Falamos sobre acontecimentos que aguardávamos com ansiedade: o final da radioterapia naquela semana (só faltavam três dias!) e nossa possível ida para um *spa*. Comemos a parte de cima do bolo – chocolate com recheio de framboesa.

Depois do jantar fomos lavar a louça. Uma aragem fresca soprava na cozinha e, naquele momento, lavar a louça juntos era a atividade mais maravilhosa do mundo.

Acordamos na manhã de segunda-feira e nos desejamos feliz aniversário de casamento. Depois de tomarmos o café na cama, Tom me presenteou com uma caixa embrulhada em papel florido e um grande laço azul. Dentro, havia um lindo porta-jóias entalhado em madeira.

– Acho que demos novo significado à teoria de que o primeiro ano de casamento é o mais difícil – disse Tom.

Ele se encostou na cabeceira da cama e previu:

- O segundo vai ser mais fácil.
- Não consigo imaginar como poderia ser mais difícil do que este – eu disse.

Tentáculos

O som do despertador foi doloroso, após apenas quatro horas de sono. Dei-lhe um tapa para que parasse de tocar e cambaleei até a cozinha, para fazer mingau de aveia. Minha tia Marcella apareceu

de camisola e assumiu o preparo do café da manhã. Estava nos visitando, e me disse que ela e Hank permaneceriam o tempo que precisássemos. Fiquei feliz e agradecida pela ajuda.

Tom terminou a radioterapia conforme programado, mas uma nova tomografia revelou que o tumor não só estava quase do mesmo tamanho como havia mudado de lugar. O Dr. Malkin recomendou que Tom iniciasse imediatamente a quimioterapia, em vez de esperar as habituais seis semanas. Ele garantiu haver uma possibilidade de 30% a 40% de redução do tumor.

Providenciamos para que o tratamento fosse feito no consultório do oncologista Allen Mondzac. Nesse ínterim havia mais exames a serem feitos para monitorar o tumor.

No dia em que Tom começou o tratamento, Marcella ficou com ele enquanto fui almoçar na *delicatessen* do saguão do edifício. Quando eu estava terminando, o porteiro do prédio apareceu e avisou que eu estava sendo chamada com urgência lá em cima.

Corri até a sala de quimioterapia. Marcella pôs as mãos nos meus ombros e disse que estava tudo bem naquele momento. Tom tivera uma convulsão que durara alguns minutos, mas agora estava bem.

Sentei-me ao lado de Tom, segurando-lhe a mão, quando subitamente seus olhos se reviraram nas órbitas e seu corpo enrijeceu.

Prendi a respiração, esperando que o ataque terminasse, mas não termi-

nou. *Pare! Faça isso parar!*, implorei.

Foi quando chegou uma equipe médica de emergência e levou Tom numa ambulância. Quando chegaram ao hospital, a convulsão ainda continuava. Ele foi medicado com drogas que praticamente o paralisaram. Os médicos me disseram que era provável que o ataque tivesse sido provocado pelo deslocamento do tumor para outra área do cérebro.

Mais tarde, com vários membros da família na sala de espera, tio Hank sugeriu que talvez nova cirurgia ajudasse.

Ele ficou de pé pela primeira vez em semanas. Dançamos na piscina, nossos corpos se tocando na água.

– Não vai haver outra cirurgia – eu disse, com firmeza.

Vendo que eles me olhavam sem entender, peguei uma pasta onde guardava os exames de Tom e retirei o mais recente:

– Este foi feito há dez dias.

Quando mostrei o exame, ouvi arquejos. Uma das imagens mostrava o tumor ocupando o espaço desde a frente da orelha de Tom até a nuca. Era uma forma indistinta, com tentáculos.

– E os médicos dizem que o tumor já cresceu desde o exame – informei.

Os especialistas queriam continuar o tratamento, afirmando que as convulsões não foram causadas pela quimioterapia, mas não me convenceram.

Eu queria tirar meu marido do

hospital e da quimioterapia, mas precisava ter certeza de que isso devia mesmo ser feito. Fui ao consultório do Dr. Mondzac e o interroguei. Ele me disse que, com a quimioterapia, haveria possibilidade de, no máximo, 30% de regressão do tumor.

– Qual a chance de o tumor regressar totalmente?

– Quase nenhuma.

– Acho que posso cuidar melhor dele em casa – afirmei.

– Está certo. Vou dar alta a Tom – disse o médico, em voz baixa.

Fui então ao hospital buscar meu marido.

A volta para casa

QUANDO ENTREI em casa encontrei uma cama de hospital com lençóis limpos. Os pais de Tom haviam preparado tudo para nós. Meu marido tinha se recuperado das convulsões apenas parcialmente. Ele perdera os movimentos do lado direito. John, irmão de Tom, me ajudou a deitá-lo em sua nova cama, com vista para o jardim. Era um dia ensolarado e fresco, no início do verão.

Conseguimos, pensei. *Estamos em casa*. No dia seguinte, como Tom estivesse disposto, discutimos nossas opções. Ele não queria continuar com a quimioterapia, mas estava propenso a tentar o tamoxifeno, uma droga sobre a qual tínhamos lido. Falei com o Dr. Mondzac e ele a receitou para Tom.

Em junho alguns amigos de meu

marido foram visitá-lo, e por insistência deles fomos ao *shopping center*. Tudo correu tão bem no passeio, que resolvi: Tom e eu tentaríamos fazer uma aventura por dia.

O processo de tirá-lo de casa era um desafio: transferi-lo para a cadeira de rodas e desta para o carro – e vice-versa –, lidar com desmaios e convulsões, tentar decifrar o que ele dizia. Mas sempre valia a pena. Era um alívio não precisar mais ir à radioterapia ou a consultórios médicos.

Os dias transcorreram rápida e agradavelmente no início de julho. Um dia visitamos um museu de arte, outro fomos comprar uma poltrona reclinável, porque Tom não se sentia confortável no sofá ou em cadeiras comuns.

Uma de nossas atividades favoritas era ir ao Centro Aquático de Montgomery. Usávamos uma piscina que tinha cerca de um metro de profundidade e uma rampa comprida, que levava à água.

Em nossa primeira visita empurrei lentamente a cadeira de rodas de Tom pela rampa. Estávamos no meio da piscina quando ouvi um ruído e percebi que Tom soluçava.

– O que foi? – perguntei.

– Medo – respondeu ele, arquejante.

Tom perdera a capacidade de formular frases inteiras.

– Você acha que vai se afogar?

Ele assentiu com a cabeça.

Quando comecei a andar pela piscina para mostrar-lhe que a água era rasa, o soluço dele se transformou

num grito. Corri para ele, compreendendo o que o assustava tanto: Tom estava sentado numa cadeira de rodas, com água até o pescoço, incapaz de se mexer.

– Garanto que você está a salvo – assegurei-lhe. – Mesmo se você caísse, eu poderia segurá-lo. Veja. – Levantei e abaixei as pernas dele.

Tom começou a se acalmar.

– Você quer se levantar? – perguntei.

Ele sorriu.

Fiquei na frente dele e o ergui. Ele ficou de pé pela primeira vez em semanas. Começamos então a dançar na piscina, com nossos corpos se tocando na água.

– Gostoso – disse Tom, o sorriso ampliando-se.

Eu queria que pudéssemos continuar indefinidamente daquela maneira: uma atividade por dia, uma rotina de dormir, comer, viver e sentir. Tudo, porém, estava se escoando depressa demais.

Eu sabia que meu marido estava morrendo, mas ainda o tinha comigo e podia tocá-lo, falar com ele e escutar seu coração batendo.

Minhas expectativas em relação a ele haviam mudado durante a doença: primeiro eu queria vê-lo completamente saudável; depois, aceitei Tom com suas deficiências e pedia apenas que ele vivesse; então comecei a aceitar o fato de que ele ia morrer e desejava proporcionar-lhe todo o conforto; finalmente me dei conta de que havia limites para o conforto que eu podia lhe dar. Isso fez com que eu

quisesse ajudá-lo espiritualmente.

Na quarta-feira, 19 de julho, o padre franciscano Dan Riley, velho amigo da família, veio celebrar a missa em nossa casa. Durante a doença, Tom havia conversado muitas vezes com ele. Era uma noite agradável de verão. Alguns membros de nossa família estavam lá conosco. Dan começou a missa com orações e bênçãos. Li uma meditação budista e o padre nos orientou na renovação dos sacramentos do batismo. Dan mergulhou as

mãos numa tigela de água benta, abençoou a testa de meu marido com algumas gotas e convidou todos a fazerem o mesmo.

Durante a cerimônia Tom “ia e vinha”: às vezes seus olhos estavam

fechados, mas ele se forçava a abri-los, piscando. Segurei sua mão esquerda e senti que ele apertava a minha em intervalos de minutos.

Marcella leu o salmo que diz: “A vossa bondade e misericórdia hão de seguir-me por todos os dias de minha vida.” Ao ouvir essas palavras, pensei em como a generosidade e a solidariedade tinham chegado a Tom e a mim, vindas de fontes que eu nunca soubera existir.

No dia seguinte meu marido estava nitidamente diferente – calado e calmo. Lembro que lá fora fazia um dia lindo. Eu quis desfrutar

com ele o clima quente e o levei na cadeira de rodas para o quintal nos fundos. As folhas de um verde vivo das árvores altas que rodeiam nosso quintal farfalhavam e pássaros esvoaçavam de um lado para outro no gramado, já cheio de ervas daninhas. Pontos brancos e amarelos de sol se esparramavam no pátio de glícinias acima de nós.

Levantei a cabeça de Tom para que ele pudesse olhar o quintal. Depois de algum tempo, ajoelhei-me em frente à cadeira de rodas, pus a cabeça no colo dele e segurei suas mãos. Agradei-lhe por me dar muito mais do eu havia sonhado e lhe afirmei que eu ficaria bem. Repeti várias vezes o quanto eu me sentia grata por tê-lo como meu amor.

Senti que Tom havia compreendido minhas palavras. Nesse momento, ele fechou os olhos.

Na segunda-feira, 24 de julho, ele não comeu nem bebeu. Uma de suas roseiras floresceu – a branca. Colhi pelo menos uma dúzia de botões, coloquei-os em jarros delicados e os levei ao quarto de Tom, onde desabrocharam, brilhantes, em seu desenho elaborado.

Naquele dia *Owsley* assumiu um posto protetor à porta do quarto de meu marido – meio sentado, meio deitado. Não saiu de casa, não latiu nem comeu. Às vezes se metia debaixo da cama de Tom para vigiar ou pulava na cadeira onde eu estava.

Terça-feira à noite segurei a mão de Tom e, ao me inclinar para lhe beijar o rosto, sussurrei:

Naquele dia, 'Owsley', nosso cão, assumiu um posto protetor à porta do quarto de meu marido.

– São onze horas e eu vou dormir agora. Boa noite, meu querido. Amo você.

Às três da manhã, acordei com a sensação de que alguém me dera um leve puxão. Meus olhos se arregalaram: eu estava sozinha no quarto. Saltei da cama e fui ao quarto de Tom. Olhei seu rosto e vi que ele inspirava e expirava devagar. Houve mais um alento: ele inspirou e expirou, quase imperceptivelmente. E parou. Levantei-lhe a mão com cuidado: não havia mais pulso.

Fiquei junto ao corpo de Tom, meditando e rezando. Visualizei seu espírito como uma luz, seguindo em direção a um clarão ainda mais forte e depois mergulhando na luz infinita. Também senti algo que jamais sentira. É difícil definir com uma palavra; a mais adequada talvez seja *mistério*. Senti que Tom tinha sido elevado. Experimentei uma sensação de reverência.

Cerca de uma hora depois, comecei a dar os telefonemas necessários. Algumas horas mais tarde chegaram dois homens da funerária. Nossa procissão – o corpo, *Owsley* e eu – atravessou o vestíbulo, saiu pela porta da frente, cruzou o jardim e passou pelo portão. *Owsley* e eu ficamos ali parados, enquanto os homens punham o corpo de Tom no furgão e

lentamente se afastavam. *Owsley* continuou sentado na calçada, o olhar fixo no furgão que ia embora.

Entrei e me vi de pé no jardim de Tom, ao lado da roseira branca. O sol começava a nascer e o céu estava espetacular, com nuvens branco-acinzentadas iluminadas por raios rosa e violeta. Um lado do horizonte permanecia anil; o outro se dissolvia em tons claros de azul e marfim.

No silêncio, senti que eu, Tom, a Terra e Deus éramos um só.

NÃO POSSO TERMINAR minha história porque, embora a vida de Tom neste planeta esteja concluída, a minha não está. Desde que ele morreu, minha dor e minha recuperação têm sido um vaivém constante de trevas, luz e novamente trevas: os momentos tristes são ainda mais tristes do que imaginei; entretanto, os alegres são mais resplandecentes.

Ao recordar o que passei, compreendo que meu desafio era claro: esta é sua vida – aceite-a ou desista. Aprendi que o essencial é aceitá-la e explorá-la em sua plenitude.

Com isso, aprendi também que o amor resiste à dor e ao infortúnio. Se fôssemos capazes de escolher um sentimento que perdurasse acima de todos os outros, haveria escolha melhor?

O Sol nos dá a luz, mas a Lua dá inspiração. Se olhar para o Sol sem proteger os olhos, ficará cego. Se olhar para a Lua por muito tempo sem tapar os olhos, se tornará um poeta.

–SERGE BOUCHARD, *L'homme descend de l'ourse (Editions du Boréal)*

“ Entre Aspas ”

A grande tolice da humanidade foi fazer do amor uma idéia. O amor é o instinto. Dar-lhe cérebro é entristecê-lo.

—GODOFREDO DE ALENCAR, citado em *Seleção de 5 Mil Pensamentos, de Pandiá Pâdu (Ediouro)*. Contribuição de SAUL N. BENEMANN, Porto Alegre (RS)

É típico de nossa era o fato de raramente usarmos a palavra pecado, salvo para descrever uma sobremesa deliciosa.

—WILLARD D. FERRELL

Se você aceitar as perspectivas dos outros, especialmente as negativas, nunca há de modificar o resultado.

—MICHAEL JORDAN,
For the love of the game (Crown)

Somente dois tipos de pessoas podem conversar sem inibições: estranhos ou amantes. Os demais estão apenas negociando.

—JAMES GRIPPANDO,
The informant (HarperCollins)

As pessoas não se importam se têm o que é bom demais para elas.

—JANE AUSTEN

***Nunca desanime.
Às vezes é só um
pouco mais além.***

—WALTER GRANDO,
Frases (Editora Z&V A)

Entregue-se a tudo quanto fizer. É divertido ser sério.

—WYNTON MARSALIS

Nenhum aparelho pode substituir a centelha humana: energia, compaixão, amor e compreensão.

—LOUIS V. GERSTNER JR.

O amor é o que sentimos por aqueles que nos mostram o que há de adorável em nós.

—GERRY SPENCE,
The making of a country lawyer (St. Martin's)

A metade do mal feito no mundo se deve às pessoas que querem sentir-se importantes.

—T.S. ELIOT, *The cocktail party (Harcourt Brace)*

Não vale a pena pensar na beleza; o importante é sua mente. Não se quer um penteado de dólares numa cabeça de 50 centavos.

—GARRISON KEILLOR,
We are still married (Viking Penguin)